

CORREIO ELEGANTE

AS COLUNAS SOCIAIS SE TRANSFORMARAM NAS ATUAIS E DISPUTADAS NOTAS DE PÁGINA DOIS GRAÇAS A JORNALISTAS COMO ZÓZIMO BARROZO DO AMARAL, QUE COMPLETARIA ESTE MÊS 70 ANOS.

POR LAURA CANTAL
DA EQUIPE DE ESTAGIÁRIOS

Quem lê hoje a coluna de Ancelmo Gois, no *O Globo*, ou de Mônica Bergamo, na *Folha de S. Paulo*, não imagina que esse tipo de trabalho é descendente das chamadas colunas sociais, que, décadas atrás, eram apenas registros pouco relevantes para o público em geral sobre o restrito mundo da "alta sociedade". Aos poucos, caminhos foram abertos por profissionais inovadores, que começaram a refinar o olhar sobre esse universo e a inserir novos personagens, temas e assuntos. Zózimo Barrozo do Amaral, que completaria 70 anos neste mês, é lembrado até hoje pela coluna que levava seu nome e foi um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento das colunas sociais.

Em entrevista à revista IMPRENSA em setembro de 1991, Zózimo conta que em "priscas eras, pedigree e saldo bancário" eram critérios para uma pessoa ser colunável, mas que "hoje qualquer pê-rapado de sucesso é colunável". O jornalista trabalhou no *O Globo* entre 1993 e 1997, ano em que faleceu, mas começou sua coluna em 1969 no *Jornal do Brasil*. Foi lá que Ancelmo Gois o conheceu. "Ele influenciou todos nós [colunistas]. É um ponto de referência e acho que ele é o pai de uma escola de colunismo mais engraçada, mais leve", aponta Gois. Ele se refere ao grande senso de humor, delicadeza e vocabulário diferenciado presentes nas notas de Zózimo. Foi ele quem trouxe

a linguagem coloquial para a coluna, utilizando muito o termo "heim?" para indagar e provocar o leitor, como quando a atriz Cássia Kiss protagonizou uma campanha contra o câncer de mama, em que mostrava os seios. "E a Cássia Kiss, heim? Que mãos!", escreveu.

A primeira ruptura com o tipo de coluna das "prisacas eras" que influenciou o próprio Zózimo foi obra de Jacinto de Thormes, pseudônimo do jornalista Manuel Bernardes Muller (ou Maneco Muller), que no final da década de 1940 começou a assinar uma coluna social no *Diário Carioca*. "O Maneco abriu as portas. E aí o pessoal foi seguindo, cada um com seu perfil, e inovando mais até chegar nos dias de hoje", explica Rogério Martins de Souza, jornalista especializado em jornalismo cultural.

No começo, as colunas sociais eram apenas registros sobre eventos da classe social mais alta, como um casamento, uma festa de aniversário, um batizado. Com Maneco, tudo mudou. Ele começou a colocar comentários, ironias e indiretas, a começar por chamar de "gente-bem" os socialites retratados na coluna, considerados "bem nascidos". Entre tantas novidades, a que mais popularizou a coluna foram as listas de "As 10 Mais Elegantes", uma adaptação das listas que surgiram nos EUA e que Maneco trouxe para o Brasil. "A coluna social era mais para bajular e pôr em destaque as pessoas famosas", aponta Souza. Mas, nas mãos de Jacinto de Thormes, nada era de graça. Em uma dessas listas, colocou um sambista negro entre os dez mais elegantes — o que na época era ousado e destoava fortemente dos padrões. Com a lista, a moda começou a ocupar parte das colunas sociais e a entrar nos jornais do país. A prática de "classificar" as pessoas mais bem vestidas tornou-se comum e até evoluiu: há quem liste também as pessoas mais malvestidas e até hoje esse é um tópico contemplado por veículos da área.

ENTRELINHAS

"Zózimo era um grande intelectual, o que é raramente uma novidade nesse mundo do jornalismo social que, de um modo geral, não era uma das áreas preferidas dos intelectuais mais bem preparados, mais equipados", conta Gois. O fato de ser tão preparado é mais um fator que explica a capacidade

de Zózimo de dizer tudo sem dizer nada — competência fundamental para ser colunista, principalmente durante a ditadura militar. Zózimo começou a escrever um ano após o AI-5.

Fernando Barrozo do Amaral, filho de Zózimo, conta que a intenção do pai era falar sobre a maior variedade de assuntos, até mesmo fazer crítica à ditadura, mas que esse não era o foco principal. "Ele fazia um pequeno jornal de notas curtas dentro de um jornal maior. Quanto mais abrangentes fossem os assuntos, mais leitores ele iria atrair. No final dos anos 1980, a coluna mudou bastante, se tornou um mix de esporte, economia e alguma coisa de social. No final, o social foi embora totalmente", diz. Apesar da intenção de deixar a coluna o mais heterogênea possível, em alguns momentos ele não tinha muita escolha. "Quando a ditadura pesava na mão, ele entrava nos temas sociais, só notícias dos atores, atrizes...", conta Souza.

Em duas ocasiões, a coluna de Zózimo rendeu a ele visita à prisão. Não sofreu violência física e ficou preso apenas alguns dias. As palavras que o levaram à cadeia, em uma dessas ocasiões, falavam sobre um general que havia ido três vezes na mesma semana ao espetáculo "Tem Banana na Banda", com Leila Diniz, considerada inimiga do governo. No dia seguinte, o general estava afastado e Zózimo na cadeia. Segundo uma brincadeira do próprio colunista, os presos teriam ficado confusos: "Eles endoidaram, estão prendendo eles mesmos!". Tal confusão vem justamente da habilidade de Zózimo informar sem se comprometer, não ficando claro para o público em geral de que lado ele estava. "Ele conseguia dizer o que queria pelas entrelinhas, tanto sobre política quanto sobre amenidades", explica Souza. E é por isso que Gois resume: "Ele foi o jornalista que melhor se expressava em três linhas".

Um exemplo clássico são duas notas sem título que ele publicou uma ao lado da outra no jornal *O Globo*. Do lado esquerdo, lia-se: "Depois de espai-recer uma semana em Paris, incógnita, está de volta ao Brasil a bela Tereza Collor. Voltou a sorrir". Do lado direito: "Depois de espai-recer esta semana em Paris, incógnito, está de volta ao Brasil o empresário Sérgio Alberto Monteiro de Carvalho. Voltou a sorrir". Pouco, para dizer tudo.